

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE
RACIAL NA ESCOLA

ADRIANA DE CÁSSIA MARINHO SANTOS

**COMBATE AO RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CENTRO DE
EDUCAÇÃO INFANTIL ESTRELA DALVA: UMA POSSIBILIDADE REAL**

BELO HORIZONTE

2016

ADRIANA DE CÁSSIA MARINHO SANTOS

COMBATE AO RACISMO NA INFANCIA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
ESTRELA DALVA: UMA POSSIBILIDADE REAL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Professora Patrícia
Maria de Souza Santana

ELO HORIZONTE

2016

ADRIANA DE CÁSSIA MARINHO SANTOS

COMBATE AO RACISMO NA INFANCIA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
ESTRELA DALVA: UMA POSSIBILIDADE REAL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Professora Patrícia
Maria de Souza Santana

Aprovado em 09 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

BELO HORIZONTE

2016

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise do projeto desenvolvido no ano de 2013 no Centro de Educação Municipal de Educação Infantil Estrela Dalva, situado no município de Contagem e retrata um rol de atividades com o objetivo central de combater o racismo na infância.

O projeto “Brincando e Aprendendo nos Cabelos de Lelê” foi vencedor (representando a região sudeste) no prêmio do MEC “Professores do Brasil – 2013”, na categoria Educação Infantil.

A partir daí, as ações de combate ao racismo vem se multiplicando na escola junto às crianças, pais e profissionais.

A prática da Lei 10.639 desde então foi incluída no Projeto Político Pedagógico, currículo da escola e praticada frequentemente com ações pautadas no plano de ação anual da escola.

O presente trabalho além de demonstrar algumas possibilidades de ações no combate ao racismo na infância, tem se ampliado com parcerias da comunidade escolar e não escolar.

Palavras: EDUCAÇÃO INFANTIL – RELAÇÕES RACIAIS – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

ABSTRACT

This work presents the analysis of the project developed in 2013 at the Municipal Education Center of Child Education Estrela Dalva, located in Contagem and portrays a list of activities with the main objective to combat racism in childhood.

The "Playing and Learning in Hair of Lelê" was winner (representing the southeast region) in MEC Award "Teachers Brazil - 2013" in the category Children's Education.

From there, actions to combat racism is multiplying at school with the children, parents and professionals.

Practice of Law 10,639 has since been included in the Pedagogical Political Project, school curriculum and often practiced with actions based on the annual action plan of the school.

This work as well as demonstrating some possible actions to combat racism in childhood, has expanded partnerships with the school community and not school.

SUMARIO

1 – INTRODUÇÃO	6
2 – JUSTIFICATIVA	9
3 -CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA	10
4- OBJETIVOS	13
5- APRESENTANDO O PROJETO “ BRINCANDO E APRENDENDO NOS CABELOS	14
5.1 – Perfil da turma na qual foi realizado o projeto	14
5.2 – Caracterização da escola onde foi realizado o projeto	15
5.3 – Justificativa do projeto	15
5.4 – Objetivo geral do projeto	18
5.5 – Objetivo específicos do projeto	18
5.6 – Recursos utilizados no projeto	19
5.7 –Atividades desenvolvidas no projeto	19
5.8 – Relato da experiência do projeto	20
6 – IMPACTOS DO PROJETO NA COMUNIDADE ESCOLAR	28
7 – ANÁLISE CRÍTICA	29
8 – CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS	34
FIGURA 1	34
FIGURA 2	34
FIGURA 3	35
FIGURA 4	35
FIGURA 5	36
FIGURA 6	36
FIGURA 7	37
FIGURA 8	37
FIGURA 9	38
FIGURA 10	38
FIGURA 11	39
FIGURA 12	39
FIGURA 13	40
FIGURA 14	40

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso está intrinsecamente relacionado à minha trajetória pessoal e profissional, uma vez que aprendi a me identificar e valorizar como mulher negra.

As relações que se deram ao longo do meu desenvolvimento humano estavam inseridas no contexto da discriminação racial, de gênero e classe social.

E foi nessa tríade socialmente excludente que me desenvolvi e me formei enquanto pessoa.

Minha formação no magistério se deu bem cedo. Aos dezessete anos fui lecionar no Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) por alguns meses na Escola Estadual Marieta Brochado, em Belo Horizonte, sem receber para isso, pois, ficava substituindo a professora regente e por desinformação não busquei receber por isso. Era um voluntariado inconsciente.

Essa foi uma experiência sem precedentes, lá estava uma menina franzina e sem experiência profissional, negra, para ocupar o espaço de uma professora de renome, branca e pertencente a uma classe social mais elevada. No primeiro dia todos e todas as estudantes saíram imediatamente da sala em um movimento interessante de rejeição, percebo agora como o preconceito de raça, de idade (por ser muito nova) e de classe social estava interiorizado naquelas pessoas.

Após várias tentativas de ingressar profissionalmente na educação, sem sucesso (pois naquela época alguém tinha que indicar) fui trabalhar em fábricas, áreas administrativas, comércio e outros. Tinha que ajudar a sustentar a família uma vez sou a filha mais velha.

Em 1990 retorno para educação, agora efetiva como funcionária da extinta FEBEM (Fundação do Bem Estar do Menor) no cargo de educadora social. A partir daí me encantei com a educação social, atuando nos programas de atendimento no contra turno da escola, como: CIAME (Centro de Atendimento ao Menor), junto com os Salesianos e Programa Curumim.

Apesar de toda dificuldade consegui me formar em pedagogia pela UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) no ano 2000.

Assim que formei em pedagogia iniciei minha primeira experiência profissional como pedagoga na prefeitura municipal de Contagem, trabalhei então, no bairro Nova Contagem no

período entre 2002 á 2006, era contrato por tempo determinado no processo denominado PSS (processo seletivo simplificado).

Em 2007, consigo passar no processo seletivo promovido pela FUNEC (Fundação de Ensino de Contagem) para a função de coordenação pedagógica do curso para aspirantes da Guarda Municipal de Contagem,

Em 2008 tomo posse do cargo de professora de séries iniciais e educação infantil no município de Contagem, atuo com crianças de 09 e 10 anos na Escola Municipal José da Silva Lucas, em Contagem.

Porém, ao iniciar 2008, uma pedagoga que assumiria a direção da primeira escola inaugurada através do orçamento participativo, Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento me convida para ser a vice-diretora da escola, aceitei e assim atuei até o ano de 2012, quando findou o período de gestão.

Em 2013, retornando a sala de aula, opto por atuar na Educação Infantil do município de Contagem. O que deveria ser uma experiência conflituosa se tornou na verdade um fato surpreendente, pois, ao perceber a existência do racismo entre crianças de apenas 05 anos de idade (Nem imaginava que existisse tal fato na Educação Infantil) inicio algumas atividades, faço algumas leituras e começo uma reflexão sobre o racismo e suas nuances. Fui pesquisando e entrando num universo teoricamente desconhecido para mim , mas que na prática eu estava totalmente inserida desde a minha infância.

E ao perceber o desenvolvimento e o envolvimento das crianças e outros atores da comunidade escolar, nas atividades relacionadas à questão étnico-racial, uma colega de trabalho sugeriu a inscrição do projeto no concurso “Professores do Brasil-2013” promovido pelo Ministério da Educação em parceria com a TV Cultura e outros.

Inicialmente fiquei meio resistente, até mesmo pela simplicidade das atividades realizadas, mas me aventurei e me inscrevi, obtendo a classificação e sendo vencedora na categoria educação infantil representando assim, a região sudeste.

Sabia então que precisava me capacitar e qualificar para dar conta de continuar essa luta contra o racismo na infância tão evidente no espaço escolar. Não poderia permitir que essa vertente do racismo tão cruel que está no dia a dia da educação infantil e que na maioria das vezes é ignorado pelas instituições e seus profissionais fosse alvo de atenção apenas devido a um prêmio. Não poderia permitir que ali no CEMEI Estrela Dalva o prêmio passasse a ser o fim, mas sim o inicio de uma longa e dura caminhada.

Passei a participar dos GT's (Grupos de Trabalho) étnico-racial do município de Contagem e em 2014 me matriculei no Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola – EPPIR, oferecido pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Ainda no ano de 2014, algumas colegas da escola iniciaram o trabalho com a temática étnico-racial em suas turmas de 02 e 03 anos e em 2015, a temática é inserida no Projeto Político pedagógico da escola e no plano de ação.

Outra ação provinda a partir da inserção da questão étnico-racial no Projeto Político pedagógico foi o “Café Afro”, em todas as reuniões com a comunidade a supervisão e a direção servem o café, onde consta além da decoração com acessórios afros, a alimentação, como: rapadura, banana, amendoim, broa de fubá, cubu e etc.

Nos dias de hoje no Centro Municipal de Educação Infantil a questão racial é desenvolvida por quase todas as professoras durante todo o ano letivo, não mais como projeto, mas na rotina. Não desenvolvemos a temática apenas para exposição na semana da consciência negra.

Claro que ainda nos deparamos com falta de conhecimento e resistência em valorizar a negritude (por parte de algumas colegas de trabalho), mas percebo que tivemos bons avanços.

Neste ano de 2016, estou como diretora, o que às vezes tem me mostrado mais claramente onde está localizado o racismo. Infelizmente, o vejo nas falas, nos posicionamentos e ações resistentes de algumas professoras, como se trabalhar com a questão étnico-racial fosse apenas exigência legal e não por uma demanda real.

Apesar do atual panorama percebo avanços indiscutíveis no Centro Municipal de Educação Infantil Estrela Dalva e a cada dia encontramos mais fôlego para fazer valer a Lei 10.639/03¹, e continuar na caminhada contra o racismo juntamente com minhas colegas de trabalho.

¹A Lei 10639/03 – Inclui no currículo oficial de Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultural Afro Brasileira.

2- JUSTIFICATIVA

Desenvolver a temática das relações étnico-raciais na educação infantil vem de encontro ao combate ao racismo institucionalizado em nossa sociedade desde a infância do sujeito.

A escola como um aparato legal da sociedade não está imune às mazelas sociais. Ela traz em seu interior todo o preconceito e outros elementos existentes no meio. Assim sendo, o racismo, infelizmente é um desses elementos presentes na escola, assim como na vida dos indivíduos, causando muitas vezes danos irreparáveis.

Segundo as DCNERER²

A educação constituiu-se um dos principais e ativos, mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias do grupo e minorias (2004,7).

No Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial, a então Ministra chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, senhora Matilde Ribeiro, (2004; 8) salienta que o objetivo principal do Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial é “(...) Promover alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra”.

A educação infantil deve retratar a valorização de todas as crianças para que possam ter referências positivas sobre as suas origens. Empoderadas e representadas através da história do povo.

² Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais.

3- A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

A questão da construção da identidade na criança negra é um fator que necessita de um olhar mais aprimorado, contextualizado teoricamente para que a prática faça emergir a positivação do que é “vir a ser negro”, parafraseando aqui Neusa Souza Santos, 1983.

Olhar um ser em pleno desenvolvimento em tão tenra idade não é algo simples, assim contextualizo o olhar sobre a criança de cinco anos. Porém, olhar a criança negra inserida numa instituição infantil é algo extremamente complexo.

A pesquisadora Neusa Souza Santos em seu livro “Torna-se Negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social” faz uma relação do ser negro e a condição da psique. Diz da própria relação do negro consigo mesmo, no que diz respeito ao seu emocional, da sujeição, negação e massacre de sua identidade.

A construção da identidade desse sujeito negro se faz na caminhada. Santos define o seguinte

Ser negro é tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si mesmo engendra uma estrutura de desconhecimento que aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência que ressegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (1983, p. 77).

Para as crianças negras, índias ou brancas é importante o acesso a conhecimentos que possibilitem a desconstrução do racismo proporcionando a construção de identidades positivas e esse processo necessita precisa se dar desde a educação infantil.

Outro texto pertinente quanto à questão da identidade da criança negra na educação infantil é de autoria das autoras e pesquisadoras Anete Abramowicz, Fabiana de Oliveira e Tatiane Consentino Rodrigues (2010), intitulado “A criança negra, uma criança e negra” que trata dos diferenciais de ser uma criança e negra.

As autoras discutem aspectos que norteiam a construção da identidade da criança e negra no contexto escolar.

Outro fato importante destacado no texto das autoras é a ausência de estudos com a temática em relação às crianças na faixa etária de creche (0 á 03 anos).Segundo as autoras

As crianças aos 4 anos já passaram por processos de subjetividade que as levaram a concepções já tão arraigadas ao nosso imaginário social sobre o branco e o negro e

consequentemente sobre as positivities e negatividades atribuídas a um e outro grupo social. Daí, a necessidade cada vez mais evidenciada de desenvolver trabalhos nas salas de aula da educação infantil que valorizem a origem negra das crianças (2010,88).

O texto traz á tona o silêncio da cultura negra, em nome de um discurso da igualdade que na realidade não existe no ambiente escolar (2010,89).

Ainda de acordo com as autoras percebe-se na criança de 04 anos posturas de um sujeito que geralmente, em seu meio já interiorizou o racismo se jacom quem o faz ou como o recebe.

A instituição escola necessita estar preparada para a esse sujeito que interiorizou o racismo em todo o seu trabalho e na sua visão de educação e formação, Abramowicz lembra que

Pesquisas sugerem que o racismo precisa ser combatido nas escolas, que devem possibilitar um espaço permanente para discussão e reflexão de posturas e ações superando os estereótipos, estigmas e discriminações contra negros que são tão presentes no ambiente escolar (2010,88).

Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2010), apontam que a escola a partir de um discurso da igualdade oculta as práticas de racismo, discriminação e preconceitos existentes em seu interior, principalmente de caráter étnico-racial.

Enfim, é preciso realmente que as escolas de educação infantil reconheçam o racismo existente na sociedade e que também está presente no interior dessas instituições escolares. É necessário que a escola reflita, estude e efetive ações eficazes de combate ao racismo desde a primeira infância e é extremamente necessário o “olhar” da professora sobre a discriminação que acarreta para o sujeito discriminado traumas para o resto da vida, além de lhe colocar num espaço sem perspectivas.

O que não pode e não deve continuar a ocorrer é o ocultamento das ações de discriminação através do discurso de que a criança é tão nova e que por isso não traz consigo a internalização do racismo existente na sociedade.

Vale trazer novamente a reflexão de Souza

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigência, compelida a expectativas alienadas. Mas é, sobretudo, a experiência de

comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (1983, p.18).

Desenvolver um trabalho com a temática étnico-racial na educação se faz emergente se essa nação realmente deseja um amanhã melhor. Se realmente deseja reparar (se possível) danos causados há décadas e se quiser formar cidadãos que se valorizem e saibam valorizar a convivência com a diversidade existente em nosso País.

4 – OBJETIVOS

- Apresentar de forma crítica a prática pedagógica desenvolvida em turma de educação infantil com a temática das relações étnico-raciais.
- Demonstrar a possibilidade do trabalho com a questão étnico-racialna educação infantil;
- Salientar a importância da literaturaafro-brasileira na educação infantil como forma de tratar a identidade das crianças.

5 – APRESENTANDO O PROJETO: “BRINCANDO E APRENDENDO NOS CABELOS DE LELÊ”

“Crespo cabelo trançado com a mais pura graça, criando mais belos caminhos na carapinha”.

Márcio Barbosa

O projeto trabalhou com o tema cultura e identidade para aceitação da diversidade étnica racial e atendeu a um público de crianças na faixa etária entre 04 e 05 anos no Centro Municipal de Educação Infantil Estrela Dalva e se estendeu entre abril a setembro de 2013. A principal característica do projeto foi seu envolvimento na área da diversidade étnico-racial trazendo como problematização: como tratar a presença do racismo existente em sala de aula na educação infantil?

5.1 – PERFIL DA TURMA NA QUAL FOI REALIZADO O PROJETO

A turma formada por 24 crianças de 05 anos, sendo uma criança portadora de autismo (Síndrome de Asperger).

As crianças bastante curiosas e falantes, sempre expõem seus pensamentos e sentimentos. Apesar de toda a agitação são afetivas e carinhosas, demonstram também uma carência de afeto, sempre recorrem em presentear a professora e dá-lhe beijos e abraços.

Algumas crianças são educadas pelas avós, ora pelo fato de seus pais estarem trabalhando, ora pelo abandono.

A maior parte das famílias participa da vida escolar de seus filhos, e interagem com as atividades e projetos propostos em sala de aula e na escola como um todo.

5.2 – CARACTERIZAÇÕES DA ESCOLA ONDE FOI REALIZADO O PROJETO

O projeto “Brincando e Aprendendo nos Cabelos de Lelê”, foi desenvolvido CEMEI-Centro Municipal de Educação Infantil que fica localizado Bairro Arvoredo II, região do bairro Nacional no município de Contagem.

A escola tem no seu entorno os seguintes bairros: São Mateus, Estrela Dalva e Arvoredo, Região do Nacional no município de Contagem. Trata-se de uma região com altos índices de violência, onde as famílias convivem diariamente com mortes e toque de recolher. Nos anos de 2011 e 2012 na citada região houve a intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) na tentativa de diminuir o índice de violência formando liderança que poderiam trabalhar na promoção de uma cultura de paz.

O CEMEI atende crianças de 02 a 05 anos e foi inaugurado em 2011, sendo uma demanda da comunidade atendida pelo orçamento participativo. No momento são atendidas 110 crianças em período integral e 150 em período parcial. As crianças de 05 anos são atendidas em turmas de até 24 crianças.

Além das salas de aula, existe a biblioteca junto com a sala de vídeo, a brinquedoteca e o parquinho ao ar livre. Os recursos tecnológicos são escassos, não temos acesso à internet e apenas um computador para uso dos profissionais.

5.3 -JUSTIFICATIVO DO PROJETO

O projeto foi realizado na tentativa de desconstruir padrões de beleza já instituídos e construir o conhecimento sobre a nossa beleza, ou seja, a beleza do povo afrodescendente .

A evidência do preconceito racial chega numa turma de crianças tão pequenas que não conseguimos não “queremos” ver a existência de uma atitude tão grave e vai além, pois percebemos tal atitude preconceituosa aprendida no seio das famílias e na sociedade em geral.

Nós educadoras, somos desafiadas constantemente a levar os sujeitos a compreenderem que nenhum ser humano é melhor ou pior que o outro, mudar concepções para aprender a conviver com a diversidade.

Portanto, esse trabalho foi uma tentativa de educar as crianças na sua diversidade de forma a que possam aceitar conviver saudavelmente com o outro.

O trabalho também atende a lei 10.639/03, que necessita ser observada e trabalhada desde as mais tenras idades na perspectiva de que no futuro possamos ter uma nação composta de sujeitos de direitos e deveres que conheçam, compreendam e valorizem sua verdadeira história e descendência.

A criança que ingressa na Educação Infantil está passando por uma etapa significativa de crescimento e de ampliação de seu convívio social, e, este é um momento propício para se iniciar um trabalho que garanta a desconstrução de aspectos discriminatórios e a formação integral de um ser que consiga no seu cotidiano respeitar e valorizar a diversidade que é nossa sociedade.

O interesse em desenvolver uma atividade onde a sua essência nos remete a identidade da criança da educação infantil está embasado primeiramente na necessidade de valorizar o que é próprio do seu contexto histórico, cultural e social.

A lei 10.639/2003, a Constituição Brasileira/1988, Estatuto da Igualdade Racial/2010 e as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil são claros ao definirem tal necessidade e desenvolver atividades contextualizadas na cultura africana e afro-brasileira, numa prática que promove a igualdade racial.

A necessidade de desenvolver um projeto que se aborda a cultura africana e afro-brasileira veio de situações percebidas em sala de aula e em atividades onde foram percebidas marcantes de atitudes preconceituosas.

Até mesmo na educação infantil, várias são as situações (ex.: a coleguinha que não quer sentar-se ao lado da outra criança negra, ou lhe dar as mãos ao comando da professora, etc.) conflituosas encontradas em sala de aula que demonstram como as meninas e os meninos carregam dentro de si o preconceito que vem acumulando de geração em geração. Pensar numa ação lúdica, que iria dialogar com temas tão sensíveis não foi uma tarefa simples.

Cada fase da vida requer cuidados específicos, na fase da educação infantil, não é diferente, estar atento á maneira de a criança lidar com os brinquedos, com os materiais, com os/as colegas, com os educadores, muito nos descreve o modo que está sendo direcionada a educação e, ou melhor, a formação desta criança.

Assim, com palavras, gestos, comportamentos do outro é que a criança construirá sua própria identidade. Os conceitos: bom, belo, feio, mau, etc. começam a ser constituídos nesse período, dentro e fora do ambiente escolar.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI considera três dimensões de atendimento á criança: Educar, cuidar e brincar.

Conforme os Referenciais Curriculares Nacionais da educação Infantil, o conceito de educar é:

(...) propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (1998p. 23).

O cuidar perpassa pelo apoio que a criança necessita para se desenvolver plenamente e o brincar que vem a ser o campo mais profundo de aprendizagem da criança, onde a interação seja com o brinquedo ou com o outro evidencia o ser em construção.

Em todas as dimensões é necessário considerar a subjetividade da criança, seus desejos, queixas, modo de ver e interagir com o mundo.

5.4 – OBJETIVO GERAL DO PROJETO

Desenvolver o respeito e a valorização às diferenças, repudiando qualquer forma de preconceito racial e ampliando seu conhecimento a respeito da cultura afro descendentes de forma prazerosa.

5.5 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PROJETO

- Iniciar um estudo sobre a África;
- Valorizar e respeitar as diferenças humanas;
- Iniciar o conhecimento á leitura de materiais cartográficos;
- Trabalhar a coordenação motora;
- Colaborar com o desenvolvimento do letramento linguístico;
- Iniciar uma postura de respeito e valorização à diversidade;
- Desenvolver o hábito de escuta e inferência numtexto lido;
- Iniciar uma postura crítica frente ao preconceito racial;
- Trabalhar os valores humanos;
- Levar a criança a conscientizar e sefortalecer como sujeito social;
- Valorizar o padrão de belezaafro-brasileira;
- Valorizar a diversidade étnico-racial;

5.6 – RECURSOS UTILIZADOS NO PROJETO

- DVD do filme Kiriku, cd's de música, materiais de desenhos e pintura, Livro de história “O Cabelo de Lelê”, material cartográfico (mapa mundi, globo terrestre), internet, sucatas para confecção dos instrumentos musicais, revistas jornais, tecidos, tintas, modelos de jogos e brincadeiras africanas, enfeites pela ornamentação dos cabelos.

5.7– ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROJETO

- Contação de história utilizando o livro “O Cabelo de Lelê”, autoria de Valéria Belém, desenho de Adriana Mendonça, editora Companhia Editora Nacional ;
- “Rodinha de conversa” analisando a história;
- Construção do texto coletivo do livro “O Cabelo de Lelê”;
- Confecção de bonecas representação a personagem do livro “O Cabelo de Lelê”, reutilizando copos descartáveis, pedaços de papéis;
- Confecção do rosto de personagem do livro “O Cabelo de Lelê” reutilizando pratinhos de papel, lã (como cabelo, onde as crianças farão penteados), E.V.A, acessórios coloridos para enfeitar os penteados;
- Exibição do filme “Kiriku” com “rodinha de conversa” logo após para discussão sobre o filme, evidenciando a cultura africana;
- Localização no mapa e no globo terrestre do continente africano e visualização na internet do universo;
- Realização do evento “Tarde da Beleza Afro” onde as mães ou responsáveis serão convidadas a participar realizando penteados e maquiagem;
- Confecção de pulseira africana;

- Apresentação de dança afro pelas crianças com a música a ser escolhida.

5.8 -RELATO DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO

Tudo começa num certo dia do mês de fevereiro, quando ainda estava no processo de conhecimento da turma e percebi que na “Hora do Brinquedo” as crianças deixavam de lado as bonecas de cor preta chegavam a chutá-las e não brincando com elas como brincavam com as demais bonecas brancas, principalmente a Barbie.

Constatei em sala de aula a relação de racismo existente entre as crianças. Algumas crianças nem mesmo se assentavam na mesma mesa onde as colegas de cor negra se assentavam e sempre as chamavam de “chocolate”. Ouvia então as seguintes falas: ”Oh, chocolate me empresta o lápis” às vezes eu indagava: por que você não brinca com a Maria (nome fictício) e escutava o seguinte:” porque ela é chata e diferente”; - “porque ela é chocolate, né, professora?” Aí estava evidenciado o racismo em sua forma mais clara e cruel.

Um dia chequei na sala carregando a boneca preta, mesma que eles geralmente chutavam na “Hora do Brinquedo”, observei que ficaram olhando para aquela situação sem entender muito bem o porquê eu estava com aquele brinquedo.

Fiquei com aquela boneca durante toda a aula e cuidava dela. Usava linguagem do universo infantil como: “Ô nenê não chora!” “Tá com fominha!” “Quer colinho!” “Quer beijinho!”

Após alguns minutos as perguntas começaram: “Por que você está com essa boneca?”, “Ela é sua filhinha?”, Então respondi: “Não, ela é filha da minha amiga.” Nesse momento uma menina negra me fala: “Mas professora ela é chocolate!”. E outra: “Ela é muito feia!”, “Troca de filhinha, professora!”.

Esse foi meu ponto de partida. Paramos atividade de escrita que estávamos fazendo naquele momento, os convidei a fazer a “Rodinha de Conversa” (atividade diária ou momentânea conforme a necessidade de avaliarmos atitudes e ações). As falas emitidas pelas crianças foram carregadas de preconceitos.

Levá-las a perceber o negro como ser humano e não como “chocolate” (apesar de ser gostoso) de maneira lúdica era meu grande desafio.

Mas, uma questão me atormentava: de onde vinha aquele preconceito tão fortemente inserido em sujeitos tão novos de idade?

Fiz um levantamento nas fichas de matrícula das crianças na escola. Conforme declaração dos pais ou dos responsáveis pelas crianças da turma de 05 anos: 10 crianças são pardas, 09 são brancas, 01 amarela e 04 não declararam acordo filho ou filha. Na realidade a turma é composta de uma maioria parda, depois preta e não existe nenhuma criança amarela.

Então, num primeiro olhar, percebi de onde vinha tanto preconceito. As famílias não reconheciam seus filhos negros, daí advinha a própria negação do ser negro, o processo de negação e discriminação.

Era preciso fazer algo. Fiz a leitura das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais do Conselho Nacional de Educação e li também outros aportes teóricos que muito me ajudaram.

Fui à biblioteca da escola e vi o livro “O Cabelo de Lelê” da escritora Valéria Belém. Percebi que aquela história iria de encontro ao que desejava e precisava desenvolver em sala de aula, pois, fazia referência a cor, ao cabelo, ao conceito de beleza e às origens afro num universo infantil

Resumidamente o livro “O Cabelo de Lelê” conta a história de uma menina negra de cabelos enrolados que estava triste com seu cabelo, foi pesquisar e descobriu muitas coisas sobre a África sobre sua identidade e que inúmeros penteados em seu lindo cabelo a cada cachinho era um pedacinho de sua história. No livro existem figuras de vários penteados que podem ser feitos nos cabelos enrolados, utilizada as cores e os grafismos africanos.

Fiz um planejamento que vinha a ser a leitura do livro: “O cabelo de Lelê”, a elaboração do texto coletivo, a confecção da boneca utilizando copo descartável, uma pulseira de papel com grafismo africano e as conversas em rodinha que enfocaria a questão do racismo. A priori, esse seria o projeto.

Porém, ao fazer a leitura do livro para ver as possibilidades de atividades que poderiam ser trabalhadas com as crianças surgiram várias, tive até que fazer uma seleção.

Durante a Contação da história muitas foram as curiosidades e argumentações surgidas, tais como: “Onde fica a África”?, “Nossos parentes vieram juntos com os da Lelê”?, “Meu cabelo é igual ao da Lelê?”, “Professora, a Lelê tem cabelo de bombril, igual da Maria.”, “Qual ônibus vai para a África?” “A África é muito pobre, né, professora?” “Meu irmão é igual a Lelê!” “Eu queria ver a África!”, “A Lelê é muito preta!” “Nossa, professora, aquele penteado é lindo!” “Dá pra fazer no meu cabelo?” “Olha esse penteado é igual ao da Maria!”

A partir dessa “Rodinha de Conversa”, tive que refazer meu planejamento e reelaborar o projeto que recebeu a denominação “Brincando e Aprendendo nos Cabelos de Lelê”.

Lemos e releemos o livro, observamos os desenhos, conversamos sobre a história e construímos o texto coletivo, as crianças lembravam com ricos detalhes da história.

Em seguida pesquisamos a localização da África utilizando o mapa mundi, pois as crianças observaram que na capa do livro onde Lelê vai pesquisar sobre os cachinhos de seu cabelo existe um desenho (um mapa) que elas quiseram saber o que era.

Então introduzi os conceitos de mapa, planeta e continentes. O interesse e a observação tão minuciosa das crianças foram surpreendentes. As perguntas foram fluindo de forma bem natural.

Uma curiosidade das crianças, surgida durante esse período de execução do projeto, era saber com era o planeta Terra. Então, levei o globoterrestre para a sala de aula e ficaram surpresos ao saber que a terra era daquela forma e que girava, mas percebi que algumas indagações continuavam naquelas cabecinhas, era preciso recursos mais aprimorados, pois, devido á idade, trabalhar a compreensão utilizando só o abstrato se torna difícil.

Desejavam saber se a África era muito longe, se podiam ir a pé, queriam saber como os parentes da Lelê chegaram aqui, e também indagações inerentes ao próprio mapa: “O que é esse azul?” “Por que tantas linhas?” “Então, a terra é de papel?”, “Onde a gente mora é quadrado?”, “Onde está o planeta terra?” Tais intervenções á leitura cartográfica me deixaram surpresa.

O que fazer? Era a indagação com a qual fui dormir naquela noite.

Uma forma de sanar aquelas dúvidas era usar a internet possibilitando a visualização do planeta terra no universo. Mas muitas crianças não têm computador e internet em casa e na escola dispomos de apenas um computador e também sem acesso a internet.

A diretora da escola levou sua internet móvel e num “cantinho” minúsculo colocávamos as crianças em grupos pequenos para visualizarem o universo e o planeta terra. Seus olhos brilhavam como estrelas, admirados com aquela visão.

De repente uma criança pergunta: “Tem uma mão que segura a terra?” Expliquei sobre a lei da gravidade, tentando utilizar termos do universo infantil.

Algumas curiosidades foram sanadas naquele momento, outras foram colocadas para eles pesquisarem junto com suas famílias, que já tinham sido comunicadas através de um bilhete sobre o projeto que estava sendo desenvolvido com a turma.

A pesquisa feita pelas crianças a respeito de seus parentes do passado foi um sucesso. As crianças chegaram à sala de aula ansiosas para falar o que seus pais tinham lido contado sobre seus antepassados. Alguns pais se posicionaram como afro descendente, outros ignoraram descendência e outros poucos falaram a seus filhos para ir tratar de aprender a ler que era melhor!

Dias depois uma criança me chega com fragmentos de mapas do litoral brasileiro evidenciando as invasões o litoral do nordeste e me diz: “professora, olha o que achei lá em casa num livro, é o mapa da África da Lelê, trouxe para você!” Me emocionei, pois percebi que aqueles pequenos aprenderam a identificar um mapa.

Dentre algumas atividades fizemos a Lelê com massinha de modelar, cada um escreveu seu primeiro nome e usamos sobrenome Lelê. Montaram pecinhas formando a palavra Lelê e África, claro que do jeito deles (as), crianças de 05 anos.

Como a curiosidade sobre a África não dava trégua, assistimos ao filme “Kiriku e os Animais Selvagens”. As crianças adoraram, se identificaram com o personagem, uma criança pequena que interage com sua comunidade na solução dos conflitos.

No momento da rodinha para análise do filme surgiram muitos comentários interessantes, como: “Professora, o Kiriku é amigo da Lelê?” “Ele é muito inteligente.” O Kiriku é bebê, mas sabe muita coisa, igual agente, né?” “Nossa, ele não tem medo dos animais!” “Aqueles são os animais da África?” “Eu já vi aqueles animais no zoológico.”

“Kiriku podia vir aqui brincar com a gente e trazer os animais.” Claro que houve muitos comentários que causaram risadas de todos nós, mas foi um momento único. Ricas inferências relacionadas ao filme.

Aproveitamos a questão dos animais selvagens e montamos a maquete “Bichos da África”, reutilizando caixas de papelão. Falamos sobre a necessidade de reutilizarmos os materiais e como isso faz bem para gente e para a natureza.

Foi uma conversa e tanto, começaram a compreender a importância da preservação, conservação e sustentabilidade, e na prática tive que arrumar uma grande caixa para colocar as sucatas (caixas de ovos, embalagens de iogurte, caixas de sapato, rolos base do papel higiênico, latas de massa de tomate e outros) que as crianças começaram a trazer no dia-a-dia e perguntavam: “Professora, será que podemos fazer alguma coisa com isso?”.

Dentre as atividades de artes, construímos duas bonecas representando a Lelê. Uma utilizando copo descartável, jornal e roscó. Outra utilizando pratinho de papel e lã como cabelo, onde logo após a confecção da boneca as crianças puderam fazer vários penteados.

Durante a confecção das bonecas as conversas sobre a África, sobre o filme “Kirikou e os animais selvagens” sobre o livro “O cabelo de Lelê”, sobre “cada um ser bonito do jeito que é” (fala de uma criança) permeavam o tempo, num ritmo de poesia, sabedoria, algo mágico, que era alinhavado com o passado e com o presente.

No mês de maio aconteceu um evento na comunidade que teve como objetivo cultivar a paz, denominado “Agentes Transformadores de Uma Geração”, organizado pelas instituições locais e a Guarda Municipal do Município de Contagem, houve uma caminhada pela paz, apresentação das crianças do CEMEI e a exposição dos trabalhos manuais do projeto “Brincando e Aprendendo nos Cabelos de Lelê” confeccionados pelas crianças.

As pessoas passavam e emitiam comentários, como “nossa! crianças de 05 anos fazendo isso”, “muito bom o trabalho”, “Olha é do CEMEI, eles estão trabalhando sobre racismo!”, as pessoas ficaram admiradas e me perguntavam se o material estava sendo vendido, então, explicava resumidamente o projeto e que era apenas para exposição.

Aquele contato direto do trabalho desenvolvido com a comunidade foi enriquecedor, mesmo por que era a parcela da comunidade onde muitos não são integrantes da comunidade escolar. Foi um termômetro que mediu a aceitação e importância do trabalho e da questão

abordada. Como profissional senti o quanto o povo está ávido desse tipo de trabalho e percebi que estava no caminho certo.

Em seguida, convidei, através de um bilhete, membros das famílias para ajudar nos penteados que faríamos nos cabelos das crianças com a atividade: “Tarde da Beleza Afro”, estávamos nesse momento construindo novos conceitos de beleza, valorizando o que é nosso e juntamente com a família.

A participação das mães e responsáveis pelas crianças na “Tarde da Beleza Afro” foi excelente, vieram com alegria, trouxeram acessórios, perfume para os cabelos, fizeram penteados, maquiagem e conversamos muito sobre a beleza de cada um. Mais um momento de crescimento para mim e para todos que participaram desta atividade.

Ao estudar sobre a África descobri um jogo denominado *senet*, originário do Egito que poderia ser adaptado para a idade de 04 e 05 anos. Explorando a matemática, pois há contagem de peças e utiliza do raciocínio lógico.

Encontrei uma tábua lisa num lixo a caminho da escola, a funcionária da secretaria e o porteiro fizeram as divisões necessárias com um estilete bem afiado, formatando o tabuleiro para o jogo. Confeccionei as peças coloridas (cores do continente africano)

Logo que expliquei para a turma como jogar iniciaram as rodadas de jogos. As crianças estavam entusiasmadas.

Lembrei que numa “rodinha de conversa”, uma criança tinha citado que seu irmão que era capoeirista, então, eu e a diretora do CEMEI entramos em contato com uma instituição de educação integral, vizinha do CEMEI, denominada Educarte que atende crianças e adolescente no horário extra-escolar, que oferecia oficinas de capoeira.

Estabeleceu-se mais uma parceria, além de valorizarmos uma atividade de moradores onde a escola está inserida.

Convidei o porteiro da escola para me ajudar nos ensaios de uma banda de percussão e confecção de alguns instrumentos uma vez que é percussionista de um grupo de pagode local e poderia muito nos ajudar, pois, a música teria um ritmo afro, generosamente ele aceitou participar nesse desafio.

Começamos os preparativos: convites para os pais, confecção dos instrumentos utilizando latinhas de bebidas, latas de tinta, rolos base de papel toalha e grãos, roupas e acessórios.

As crianças pintaram os instrumentos com as cores da África, com a ajuda do porteiro da escola e de um adolescente que cumpria medida sócio educativa no CEMEI.

A diretora da escola confeccionou um lindo mural que serviria de fundo para as apresentações.

Certo dia uma das crianças chega à sala e me diz: “Professora, trouxe um presente para a você, fiz em casa e meu pai me ajudou!” e me entregou um papel ofício verde dobrado feito envelope de carta escrito com cores coloridas no lado externo: “AMOR DESENHO DA ÁFRICA” e ao abrir o envelope estava desenhado grafismo africano com cores fortes, conforme eles tinham aprendido em aulas anteriores, chorei emocionada e tive que mostrar para toda a escola.

Interessante perceber que apenas uma criança da turma iria poder participar da apresentação devido a não autorização dos pais sob a alegação de serem evangélicos. Então conversei com a mãe que autorizou a menina tocar um instrumento, mas não a deixou dançar.

Os ensaios transcorreram normalmente sob a regência do nosso parceiro porteiro. E eu ensaiava a dança.

Chegou o dia da culminância do projeto. Teríamos em parceria com o Educarte a apresentação do grupo de capoeira e a apresentação da banda “samba-Lelê” formada pelas crianças da turma.

Era uma euforia só. Vestia aqui, maquiava dali, algumas mães vieram nos ajudar. As meninas estavam com cachos ou tranças nos cabelos.

A apresentação da capoeira foi excepcional, todos gostaram e interagiram. A mestra de capoeira permitia que as crianças, mesmo as menores, jogassem capoeira com os capoeiristas.

No momento da apresentação a mãe daquela menina que não poderia dançar por motivo religioso me abordou e falou: “Professora, você deixa minha filha dançar? está tudo muito bonito”. Novamente me emocionei, não pelo trabalho em si, mas pelo fato daquele

projetoter provocado mudanças de posturas tão intensas até mesmo responsáveis por aquelas crianças.

E a menina dançou, percebia em seu rosto que ela estava se sentindo parte de um todo, parte daquela história, se sentindo talvez tão feliz quanto a Lelê ao descobrir sua própria história nos cachos de seus cabelos.

6-. IMPACTOS DO PROJETO NA COMUNIDADE ESCOLAR

Desde então, algumas modificações tem ocorrido no Centro de Educação Infantil Estrela Dalva, como:

- Inserção da lei 10.639/03 e 11.645/08 no PROJETO POLITICO PEDAGOGICO e no plano de ação anual da escola;
- Discussões e reflexões por parte das professoras sobre a temática: às vezes durante reuniões e às vezes, em momentos como a hora do café;
- Em 2014, exposição de trabalhos com a temática étnico racial para a semana da consciência negra;
- Em 2015, exposição de trabalhos, feitos ao longo do ano com a temática;
- Formação das profissionais a respeito de termos próprios da temática, símbolos africanos, histórias de personagens negros;
- No cotidiano escolar as professoras passaram a contar histórias para as crianças utilizando livros de literatura afros, filmes com desenhos com criança negra (doutora de brinquedos), etc;
- A decoração do espaço tem apresentado ao longo do ano, murais e cartazes que referenciam as nossas origens;
- A equipe de coordenação da escola tem realizado o “Café Afro” nas reuniões com a comunidade;
- Apresentações ao estilo afro, mostrando personagens negros e sua cultura de forma positiva;
- Pesquisas autônomas por parte de algumas profissionais buscando sempre atividades novas relacionadas à temática étnico- racial.

7 –ANÁLISE CRÍTICA

Analisar o processo do projeto “Brincando e Aprendendo Nos Cabelos de Lelê”, remete a análise do que se é planejado e o que se é executado.

Várias foram os imprevistos, mas que foram executadas por se tratar de situações significativas para as crianças e para a comunidade escolar .

Porém, a flexibilidade de um planejamento se faz presente e de importância quando temos o planejamento como fio condutor e não como algo acabado.

Assim foi com projeto em evidência, as ações planejadas davam a todo o momento margens para novas possibilidades de trabalho pedagógico pautadas nas falase ações significativas das crianças e das pessoas envolvidas e com o olhar diferenciado da professora.

Parafrazeando Paulo Freire, esse trabalho trouxe a tona o processo circular de Reflexão-Ação-Reflexão.

Outra análise que emerge durante a execução e pós projeto é o fato da educação infantil retratar a valorização de crianças negras a modo que essas se sintam valorizadas e fortalecidas em sua identidade. Empoderadas através da história de sua origem garantindo assim a permanência e o sucesso na sua vida escolar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Das Relações Étnica Raciais salientam que

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. (2004, p.12)

Na educação infantil o “reconhecimento” (DCNRRER, 2004) é um elemento de suma importância, pois a partir daí a criança poderá relacionar-se de forma positiva se o trabalho

pedagógico articulado com suas origens observar o respeito e a valorização da identidade de um povo.

Durante o projeto a motivação sempre esteve presente nas crianças que chegavam á sala de aula sempre com novidades que elas pesquisavam ou confeccionavam em casa sem que a professora tivesse solicitado, serviu de parâmetro avaliativo durante todo o percurso do projeto.

Outro ponto de análise foi a postura das crianças na “Hora do Brinquedo” tendo cuidado com a boneca preta (antes era chutada ou esquecida no canto) que passou a ser cuidada com carinho. As crianças também passaram a incluir as colegas negras nas atividades. E conforme Matos

Vale a pena investir na auto estima, possibilitando a criança a oportunidade de ser conhecer e conhecer suas origens, para aprender a gostar de si mesma e de seu povo e aprender a conviver com a diversidade respeitosa e pacificamente.(2004, 20)

Enfim, é preciso realmente que as escolas de educação infantil reconheça o racismo existentes na comunidade escola , reflita, estude e efetive ações eficazes de combate de racismo na infância e é extremamente necessário o “olhar” da professora sobre tais fatos que ocorrerem em sala de aula.

O que não pode e não deve continuar a ocorrer é o ocultar tais açõesno discurso que a criança é tão nova e não traz consigo o racismo já incultido , que suas ações de discriminação e outros não passa de uma brincadeira, ou ainda pior, que aquela criança negra que se mostra agressiva ou que fica pelos cantos o faz por apenas ser daquele jeito.

8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição escola necessita estar preparada para tal sujeito em todo o seu trabalho e na sua visão de educação e formação, Abramowicz lembra que

Pesquisas sugerem que o racismo precisa ser combatido nas escolas, que devem possibilitar um espaço permanente para discussão e reflexão de posturas e ações superando os estereótipos, estigmas e discriminações contra negros que são tão presentes no ambiente escolar. (2010, P.86).

É preciso realmente que as escolas de educação infantil reconheçam o racismo existente na comunidade escolar. Reflita, estude e efetive ações eficazes de combate ao racismo na infância e é extremamente necessário o “olhar” da professora sobre tais fatos que ocorrerem em sala de aula.

O que não pode e não deve continuar a ocorrer é o ocultar tais ações no discurso que a criança é tão nova e não traz consigo o racismo já inculcado, que suas ações de discriminação e outros não passam de uma brincadeira, ou ainda pior, que aquela criança negra que se mostra agressiva ou que fica pelos cantos o faz por apenas ser daquele jeito.

Desenvolver o projeto de combate ao racismo desde a primeira infância, dar continuidade à temática na formação, buscar parcerias e agregar pessoas, colegas de trabalho nessa luta contra racismo, tem sido uma meta que se renova cotidianamente.

Claro que às vezes nos frustramos nessa caminhada, mas percebo que o custo benefício vale a pena e, principalmente é possível.

Formar gerações vindouras conhecendo sua história e amando-a (só se ama o que se conhece) é dever de todo (a) professor (a) levar o conhecimento. E assim a nossa história construída nos cabelos Lelê ira continuar.

Para encerrar vale refletir as palavras Souza

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida à exigência, compelida a expectativas alienadas. Mas é, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (Souza, 1983, p.18).

Finalmente, penso que o trabalho sobre a questão étnico-racial somente começou na vida dessas crianças e tambémna minha.

Somos herança da memória temos a cor da noite, filhos de todos os açóites, fato real de nossa história.”

Jorge Aragão

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABRAMOWICZ, Anete. OLIVEIRA, Fabiana de. Rodrigues, Tatiane Consentino. A Criança Negra e Uma Criança e Negra. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino; (org) Educação e raça: perspectiva políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte. Autentica editora, 2010. (coleção cultura negra e identidade);
- BELÉM, Valéria. O Cabelo de Lelê. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007;
- BRASIL. MEC. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação infantil - Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014;
- BRASIL.. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, SECAD, 2006;
- BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. D.O.U de 10/01/2003;
- SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnica Racial e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana.** Brasília: SEPPIR, 2004;
- CORTELLA, Mário Sergio. **Educação, escola e docência: novos tempos e novas atitudes.** São Paulo: Cortez, 2014;
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1996 (coleção Leitura);
- SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro: as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. (coleção tendências, 4).

ANEXOS



FIGURA 1- Contação de história “O Cabelo de Lele” autoria: Valéria Belém.



FIGURA 2 – Crianças utilizando o mapa da África.



FIGURA 3- Exposição dos trabalhos feitos pelas crianças no evento “Paz” na praça da comunidade.



FIGURA 4- Evento “tarde da Beleza Afro” , realizado na sala de aula com participação das mães.



FIGURA 5- Crianças do projeto jogando SENET: jogo africano adaptado para a idade em questão.



FIGURA 6- reportagem publicada em pelo Jornal local Gazeta de Contagem.



FIGURA 7- Criança utilizando da escrita no nome com sobrenome da personagem do livro.



FIGURA 8- Crianças brincando carinhosamente com as bonecas pretas.



FIGURA 9- Em Brasília, recebendo a premiação: “Professores do Brasil – 2013”.



FIGURA 10 – A criança que se caracterizou como “noivinha” da quadrinha na festa junina pertencente a etnia negra.



FIGURA 11- Demonstrando a decoração da escola que agora utiliza imagens com referencias negras.



FIGURA 12- “Café Afro” servido durante s reuniões com a comunidade.



FIGURA 13- Decoração permanente da escola agora contendo relações com a nossa identidade.



FIGURA 14 – Cartaz indicativo sala de funcionárias.